

RELÓGIO DE PULSO **WRISTWATCH**

Vikram Pelegrini Rodrigues¹

Os passarinhos perceberam que estava a poucos passos da gameleira pelo tilintar frenético de chaves que subia a encosta. Levantaram crepúsculo acima, o fogo do céu certamente seria mais brando que o do coração que, precisando arrefecer, estava por se acomodar naquelas raízes expostas. A grama rente dava conta de crescer de volta depois de as passadas terem-na retirado dali. Agora bastava sentar e esperar.

Foi o que fez, era tudo o que podia fazer. Cassandra apoiava, sempre, os cotovelos nos joelhos dobrados e cruzava os longos dedos de sua mão como que em prece, mas não rezava. Nunca rezou.

O ruído do pensamento por certo já atingira alguns decibéis, e, prevendo que isso aconteceria, escolheu aquele lugar pra parar, aquele lugar de sempre, que estava sempre tão perto como que ao alcance das mãos. Tentou verbalizar pra testar se conseguia tirar as vozes de lá de dentro:

— Ela sempre faz isso.

Não deu certo, mas ela nem percebeu. Sua cabeça já tinha sido invadida pela cena da mãe e apagado a vista da cidade que havia em frente a seus olhos e abaixo de seus pés. Ia cair de novo naquele buraco que nunca tinha chão. Mas parece até que gostava, afinal de contas, naquele cenário que agora ela via, a mãe, pelo menos, percebia sua presença, lhe dirigia a palavra.

¹Graduando em Licenciatura em Letras - Português/Inglês, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Endereço: Sertãozinho, SP - Brasil, E-mail: contatovikram@gmail.com

O cabelo da velha, assim, visto de costas, ondulando pelos ombros como fazia aos sábados de feira, tinha um cheiro mais forte de cacau. Um cheiro jovem, que contrastava com os pés de galinha enrugados e úmidos, cheios de lágrima. O pequeno porte de Cassandra ainda não lhe permitia encarar estes olhos de frente, tampouco a mãe, que não os voltava à menina de qualquer forma. Mas plantada, a dona, assim como estava, num monólogo em frente ao espelho da sala, aí sim, pelo reflexo, Cassandra os podia mirar. Era difícil escutar o que a mãe lhe dizia com aquele vestido azul de mulher bem na sua frente. Aparição rara como aquela, combinada àqueles olhos azuis baços, retraía dos pulmões da menina o pouco ar que cabia ali. Ou então, talvez ela pressentisse como seria melhor não arquivar as palavras da mãe na memória. Uma forma de prevenção a lembranças malquistas. Por isso, desviava a atenção sem querer, escapava dali. É que a voz da mãe, altiva como a si mesma, arranjava jeito de se introduzir onde quer que fosse, então sobraram algumas discórdias pra garota carregar:

— Por que você tá fazendo isso comigo? — a mãe provocava — Eu só queria que você me amasse!

E o que mais ela poderia fazer? O que ela ainda não havia feito? Aliás, o que ela havia feito de tão errado pra fazer a mãe chorar? Por mais que fosse uma criança horrível, ainda merecia um abraço de vez em quando, um beijo de boa noite que seja! Inferno!

— Cadê ela? — acordou, finalmente.

Não foi preciso consultar o relógio de pulso pra saber que tinha se demorado no mergulho. Cassandra ficava horrorizada com a extravagância da dor que provocava na mãe. Todas as vezes a queda era brusca, sem aviso prévio, era de uma vez. Decepcionava sua mãe de uma vez.

Levantou, inquieta, e virou as costas pra sair dali ainda mais voraz do que chegara. A ladeira íngreme fazia sua velocidade aumentar gradativamente até que corresse a passos apertados. O embalo lhe caía bem. Decidiu por mantê-lo durante todo o percurso. A vizinhança era tão tranquila que caminhar pela rua, na contramão, a fim de expediente, não poderia ser imprudente. Ela gostaria que pudesse, era bom quando podia.

Não teve tempo de se entreter com as rachaduras da calçada, escolheu que, por bem, era melhor pisoteá-las. Estava com pressa. Pouco havia também o que

Seu Manoel pudesse cativá-la. Do que importa o aroma de café moído combinado a fermentação e causos sexagenários? Não importava. Teria visto o gato de Dona Lourdes na coleira customizada com o nome do bichano. “Tibério” era o nome dele. Teria visto quer dizer que não viu, estava ocupada, não podia deixar isso ficar assim. O parquinho ficava logo ali. Dava pra notar pelo ranger infantil e compassado das correntes enferrujadas, mas não que ela se importasse. De forma alguma, na verdade. Talvez Laurinha estivesse na gangorra. Era divertido deixá-la de castigo a meio metro do chão por segundos intermináveis. Sim, era divertido. Mas Cassandra não via qualquer uma dessas coisas, ela não via nada, de novo. Ela tinha mergulhado.

— Achei.

Separadas por um quarteirão, foi fácil ajustar a frequência pra atravessá-lo antes que Lívia virasse a esquina do pensionato, já segurando as chaves no dedo indicador num movimento elíptico contínuo. Todo o corpo de Cassandra ressonava, de forma a que Lívia empacou quando a ouviu chegando. Virou-se. Esperou, não teve que esperar muito. Agora era só encarar. A poucos centímetros de distância Cassandra se deteve e encarou de volta, aproveitou pra cravar seus olhos nos de Lívia, podia levá-la pra mergulhar. Esperaram, não era preciso checar o relógio de pulso pra saber que haviam se demorado.

— Por que você tá fazendo isso comigo? Você faz que me ama.

Lívia, estática, ainda não sabe como isso termina, ainda não percebeu que vai terminar sempre do mesmo jeito.